

Galvêas confirma: País precisará de 11 bilhões ³⁰²

JOHN ALIUS
Nosso correspondente

NOVA YORK — O ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, declarou ontem que o Brasil irá necessitar de US\$ 11 bilhões em novos empréstimos para cobrir o furo no seu balanço de pagamentos pelo restante de 1983 e para 1984, e expressou a confiança de que será capaz de levantar este dinheiro.

“Nós conseguiremos dois bilhões de dólares através do Clube de Paris — disse Galvêas — o que reduz as nossas necessidades de outras fontes para apenas US\$ 9 bilhões. Esta quantia viria de instituições governamentais e de bancos privados, e eu tenho certeza de que nos será fornecida.”

Galvêas, juntamente com Affonso Cêlso Pastore, presidente do Banco Central brasileiro, esteve ontem e anteontem em Nova York, negociando com banqueiros privados novos recursos, antes de se dirigir a Washington para participar da reunião anual do Fundo Monetário Internacional — Banco Mundial.

Galvêas e Pastore não revelaram quanto desses US\$ 9 bilhões eles estão tentando levantar junto aos bancos particulares, mas um banqueiro norte-americano disse que as discussões iniciais se referiam a seis e US\$ 6,5 bilhões.

Outro banqueiro, observando que as instituições privadas já estão sobrecarregadas com empréstimos concedidos ao Brasil e fazem o possível para manter suas posições neste país no nível mínimo necessário, disse: “Os brasileiros poderão considerar-se felizes se conseguirem extrair de US\$ 3,4 a US\$ 4 bilhões em dinheiro novo de nós”. Mas ele rapidamente admitiu que as negociações continuam sendo realizadas e que as “coisas ainda podem mudar” entre hoje e o término das discussões.

“Eu acredito que teremos mais sorte do que esse banqueiro norte-americano acha”, disse Ernane Galvêas. O ministro da Fazenda informou que as negociações iniciadas aqui com os banqueiros privados deverão continuar em Washington, durante a reunião anual do FMI — Banco Mundial, chegando a uma conclusão antes de meados de outubro. Pastore revelou que pretende retornar a Nova York na próxima semana para continuar com sua participação nas negociações.

DESAPONTAMENTO

Galvêas admitiu que os banqueiros internacionais que integram o comitê assessor para os empréstimos brasileiros, com 14 membros, e com o qual as negociações estão sendo realizadas, se mostraram preocupados com o fato de o Decreto-Lei nº 2.024 não ter sido aprovado, mas achou que essa preocupação teve pouco impacto sobre as negociações.

“O fato de o 2.024 ter sido rejeitado é uma coisa política — não econômica”, disse ele, acrescentando que continuava “muito confiante” de que o Decreto-Lei nº 2.045, que é bem mais importante na opinião dos banqueiros, será aprovado, porque o Congresso entende a sua importância para o progresso econômico da Nação.

O ministro afirmou que, apesar de o Brasil estar no momento com um atraso de aproximadamente US\$ 2,5 bilhões nos seus pagamentos de dívidas, os banqueiros “não estão pressionando. Nossas dívidas, em atraso, são um problema para nós e para eles também. Além disso, eles sabem, pelo nosso currículo, que tentaremos fazer o melhor que pudermos”.

Ele disse ainda que, nas conversações realizadas aqui no decorrer dos dois últimos dias, não houve negociações de quaisquer empréstimos-ponte a curto prazo para cobrir esses atrasos e para se encerrar o ano com uma pequena reserva cambial. “Nós chegaremos a isso, depois que as negociações mais importantes tiverem sido encerradas”, assegurou.

Além de conceder uma entrevista coletiva à imprensa aqui, antes de sua partida para Washington, Galvêas discursou ontem durante almoço realizado na Câmara Brasil-Estados Unidos de Comércio. Mas de 200 empresários e banqueiros compareceram a este almoço — diversos tiveram de ser barrados por falta de espaço —, aparentemente esperando um discurso de muita importância. Mas ficaram desapontados.